

*UM CASO DE PROCESSO DE EXTINÇÃO LINGÜÍSTICA **

Maria Cecília Mollica (UFRJ)

Hipótese

Este texto tem o objetivo de levantar hipóteses quanto à relação entre a ocorrência de construções lingüísticas em extinção com a "sobrevida" de textos. Tento estimar, mais especificamente, a "durabilidade" da forma do mais-que-perfeito simples comparada às equivalentes perifrásticas (mais-que-perfeito composto), em função do tipo de texto em que cada uma tende a ocorrer.

Pesquisa em diferentes impressos (de jornais, revistas, livros) e em português falado de hoje demonstra que a configuração estrutural não perifrástica é utilizada em discurso distanciado da língua falada, enquanto que a perifrástica é amplamente utilizada em textos com pouco distanciamento da língua falada e de pouca duração em termos de utilização. Neste sentido, eu suponho que as formas simples do tempo verbal em questão tenderiam à extinção ao longo do tempo: trata-se de mudança em progresso já processada na fala e em franco desenvolvimento na escrita.

Fontes de dados

Para realizar a pesquisa empírica, com o intuito de verificar o emprego efetivo do mais-que-perfeito simples no português do Brasil dos nossos dias, utilizei vários tipos de amostra.

A amostra de escrita é composta de: (1) textos retirados de um tomo sobre História do Brasil (vide referência bibliográfica); (2) artigos das revistas VEJA e ISTO É: tanto em (1) quanto em (2), o critério principal norteador para a escolha dos textos consistiu em serem discursos narrativos de eventos ou biografias de vultos famosos, de modo que os tempos passados tivessem mais chances de ocorrer, em especial, o jogo de anterioridade de um tempo passado em relação a outro também passado;

* Este texto constitui versão escrita de comunicação apresentada no III Congresso da ASSEL-RIO, ocorrido em novembro de 1993, na Faculdade de Letras da UFRJ. O assunto em discussão acha-se mais amplamente abordado em Mollica (1987).

(3) textos retirados de jornal (só trabalhei com o Jornal do Brasil), de diferentes seções: reportagem policial, economia, editorial, educação, seção esportiva, seção de lazer, (críticas ou comentários sobre filmes e peças teatrais).

A amostra de fala é assim constituída. (1) Ocorrências em falantes universitários, considerados como possuidores da norma culta urbana do Brasil. Esses dados pertencem a uma parte da amostra global do Projeto NURC (vide bibliografia). A database de (1) são de dois tipos: (1a) discurso planejado, contexto formal; (1b) discurso não planejado, contexto informal. (2) Ocorrências possivelmente empregadas por falantes não universitários. Utilizei em (2) algumas entrevistas da Amostra "Censo" (ver referências bibliográficas), escolhidas aleatoriamente.

Extinção do mais-que-perfeito simples e espaços discursivos

Suspeito que o tempo verbal mais-que-perfeito simples do indicativo acha-se num processo de extinção no português do Brasil. Mattoso Camara Jr. (1979) já apontara o fato para a língua falada e, neste item, quero ratificar essa idéia e verificar até que ponto a forma verbal em estudo se mantém em uso ainda hoje na língua escrita.

Uma outra hipótese a atestar, conseqüência indireta da primeira, baseia-se na idéia segundo a qual o mais-que-perfeito, na escrita, ocorre mais em textos de maior durabilidade e ocorre menos em textos de menor duração, pois aqueles se ajustam muito mais às regras da tradição gramatical do que esses. Essa hipótese apoia-se na tese segundo a qual os textos de menor sobrevivência, como os de jornais diários, utilizam estruturas mais perto da fala, enquanto os outros, de permanência maior, utilizam-se de estruturas mais distantes da língua falada. Com vistas à confirmação da 1ª hipótese, procurei as possíveis ocorrências do mais-que-perfeito simples em três tipos de amostra de fala, conforme já mencionado: (a) discurso considerado planejado, produzido em situação formal, em que o falante está atento às regras da norma culta (esse tipo de discurso supõe o planejamento prévio do falante); (b) discurso considerado não planejado, com baixo grau de formalidade na situação de fala, em que se pretende a produção de língua oral, despreocupada com a norma. Tanto em (a) quanto em (b) os falantes possuem nível universitário de instrução e pertencem à amostra do Projeto NURC (ver referência bibliográfica); (c) discurso de três horas de gravação de três falantes não universitários, extraídos ao acaso da amostra "Censo", em que as estruturas são produzidas em contexto informal, configurando uma situação de fala espontânea.

O controle dos três tipos de amostra de fala procurou observar a possibilidade de existência de formas do mais-que-perfeito simples do indicativo pelo menos em corpora do tipo (a), em relação a qual normalmente se espera um ajuste maior por parte dos falantes às prescrições

gramaticais. O quadro I apresenta os resultados obtidos em relação às amostras de fala (a), (b) e (c):

Quadro I
Língua Falada: Discurso do tipo (a), (b) e (c)

	Univer.	Univer	Não Univer
1º Mais-que-perfeito comp. (aux.: v. haver)	0/29= 0%	0/8=0%	0/9=0%
2º Mais-que-perfeito comp. (aux.:v. ter)	29/29=100%	8/8=100%	9/9=100%
3º Mais-que perfeito simples	0/29=0%	0/8=0%	0/9=0%
	discurso planejado	discurso não planejado	fala espontanea

Este quadro confirma a hipótese da inexistência, na fala, de formas do mais-que-perfeito simples e das formas compostas com o auxiliar 'haver'. De fato, em (a), (b) e (c), não houve sequer uma ocorrência dessas formas, mesmo em discurso formal produzido por falantes de nível universitário que, para o Projeto NURC, são conhecedores da norma culta.

A fim de testar a hipótese postulada para os diversos tipos de língua escrita, levantei os dados em diferentes tipos de textos, a saber: (a) textos de jornais caracterizando um discurso escrito mais próximo da língua falada, já que se trata de texto de circulação diária, com sobrevivência ou validade muito pequena, exigindo do leitor rapidez de leitura; (b) textos de revistas semanais, considerados como distantes da língua falada, dada a finalidade de leitura pouco mais lenta e reflexiva em comparação com a do tipo (a); (c) texto extraído de livro de História do Brasil, bem mais distante da língua falada, caracterizando-se por possuir um compromisso máximo com a norma, uma vez que a sua durabilidade é constante. Espera-se que o livro permaneça o maior tempo possível, por isso seu texto (presume-se) apresenta nível alto de tradicionalismo gramatical, que o distancia assim bastante da língua falada. O quadro II confirma bem a hipótese proposta para os diferentes tipos de textos em relação ao emprego do mais-que-perfeito simples.

Quadro II
Língua escrita: Textos do tipo (a) (b) e (c)

	JORNAIS	REVISTAS	LIVROS
1º Mais-que-perfeito comp. (aux.: v. haver)	0/16=0%	0/32=0%	0/100=0%
2º Mais-que-perfeito comp. (aux.: v. ter)	0/16=50%	14/32=43,75%	15/100=15%
3º Mais-que-perfeito simples	8/16=50%	18/32=56,25%	85/100=85%

Segundo o Quadro II, o mais-que-perfeito simples é sem dúvida mais freqüente em livros, deixando de sê-lo gradativamente em revistas e por último em jornais. Ora, a diferença de canal entre livro, revista e jornal parece ser fundamentalmente de liquidez de leitura (usando um termo da Economia). O texto de um livro tem evidentemente maior duração que o de uma revista semanal que, por sua vez, sobrevive mais que um texto jornalístico produzido a cada dia. Os resultados do quadro II confirmam as expectativas de que o mais-que-perfeito simples tende a aparecer em textos de maior durabilidade, onde a pressão da norma é muito forte e onde há enorme distância entre a fala e a escrita.

Se se observam os resultados das mesmas variáveis - diferentes tipos de textos - associados ao emprego da forma composta com o auxiliar 'ter', encontra-se a ordenação dos números simetricamente invertida em relação àquela para a forma simples. Há maior incidência da forma composta em jornais, diminuindo em revistas e caindo brutalmente o seu emprego em livro. Esse comportamento contrário dos resultados constitui mero reforço da mesma hipótese: textos com maior grau de oralidade evidentemente apresentam maior taxa de estruturas de língua falada, enquanto que os textos de baixo índice de oralidade tendem a apresentar também baixo índice de estruturas de língua falada. Observe-se que, segundo o quadro I, o mais-que-perfeito composto com 'ter' é 100% empregado na língua falada, sendo a única forma em uso dentre as possíveis do referido tempo verbal.

Com base no quadro I e II, então, pode-se afirmar que não só a forma simples do mais-que-perfeito está extinta na linguagem oral, como também atestar o fato de que, quanto maior o grau de estabilidade do texto, maior a chance de ocorrer o mais-que-perfeito simples, pois é um tipo de texto mais tradicional, mais ajustado à norma; em contrapartida, então, quanto menor o grau de "estabilidade" ou "sobrevivência" do texto, menor a freqüência de formas em extinção.

O quadro III reúne os resultados globais para a língua falada comparados aos de língua escrita. Nele encontra-se ausência total de dados em ambas as amostras da forma composta com o auxiliar 'haver', do mesmo modo que a inexistência de estruturas do mais-que-perfeito simples

na língua oral. Fica ratificada desse modo a tese da extinção dessa construção na fala, sendo alta a taxa de sua ocorrência na escrita.

Por outro lado, confirma-se a elevada incidência na fala da forma composta com 'ter' que diminui sensivelmente na escrita.

Quadro III
Língua falada X Língua escrita

	Língua falada	Língua escrita
1º Mais-que-perfeito comp.	0/46=0%	0/146=0%
2º Mais-que-perfeito comp.	46/46=100%	37/148=25%
3º Mais-que-perfeito simples	0/46=0%	111/148=75%

Principais conclusões

Concluo este artigo resumindo os principais achados em Mollica (1988). Observo que o mais-que-perfeito simples, quando empregado, é utilizado em geral segundo a previsão das gramáticas tradicionais. Há também alguns usos dos arrolados como empregos especiais, mas os outros, de caráter mais literário, não foram encontrados nos diversos levantamentos de dados que fiz nas diferentes amostras.

A pesquisa chegou a evidências numéricas interessantes, pois atestam de fato a extinção da forma simples do mais-que-perfeito no português dos nossos dias. Demonstrou também que essas formas só são empregadas na escrita em textos que têm um compromisso muito grande com a norma e que se caracterizam por uma grande distância da língua oral.

Os quantitativos conduzem à hipótese segundo a qual essas formas tenderiam à extinção ao longo do tempo, ou seja, à suposição de estar existindo uma rápida mudança em progresso, já processada na fala e em franco desenvolvimento na escrita. Mas a tese da mudança em progresso só pode confirmar-se definitivamente diante de pesquisa de dados de escrita num corte diacrônico. Tal investigação incluiria também o controle de variáveis discursivas, como tipos de textos e possíveis estratégias próprias aos diferentes discursos.

Gostaria de levantar por último uma outra hipótese. Até aonde pode-se crer que o movimento do português em direção à extinção da forma simples do mais-que-perfeito não se estende a outras línguas românicas? Sabe-se que a forma correspondente a este tempo, no francês, é o 'passé simple', que também tem um "espaço" exíguo de emprego na língua escrita e, na fala, é pouco empregado. Podemos pensar então que esses fatos são mero acaso ou constituem movimento conjunto de vários sistemas, como uma força natural?

Ora, do latim para as línguas românicas, houve um processo de desmorfologização, pois muitas categorias morfológicas passaram a ser marcadas sintaticamente ou por outros mecanismos das gramáticas. Há por outro lado nos sistemas lingüísticos movimentos constantes de síntese e movimentos de análise. A passagem diacrônica de empregos de formas simples para a utilização de perífrases caracteriza-se pelo que podemos chamar de movimento de análise. As categorias, ao invés de marcadas por desinências afixadas a raízes, passam a ser marcadas por mais de um radical. Eis aí algumas indagações em aberto para futuras investigações.

Estariamos então assistindo a um processo diacrônico em direção à utilização de perífrase no nível da utilização de mecanismos de afixação em certos níveis da morfologia em mais de um sistema de língua?

Referências Bibliográficas

- "AMOSTRA CENSO". Acervo de dados do PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA (PEUL). Departamento de Lingüística e Filologia, Faculdade de Letras, UFRJ, 1987.
- CAMARA JR. J. Mattoso. História e Estrutura da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, Livraria Ed. Ltda., 1970.
- _____. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira & PRETI, Dino (orgs.). A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. Vol. I - Elocuções Formais. Projeto de estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). Editor T. A. Queiroz, São Paulo, FAPESP, 1986.
- _____. A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. Vol. II - Diálogos entre Dois informantes. Projeto de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP). Ed. T. A. Queiroz, São Paulo, FAPESP, 1987.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- Grandes Personalagens da História do Brasil. Vol. IV, São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ISTO É. Revista Semanal, números 558, 560 e 567, setembro e novembro de 1987, Rio de Janeiro.
- JORNAL DO BRASIL. Jornal Diário, Rio de Janeiro. Dias 9/12/87, 10/12/87 e 14/12/87.
- LUFT, Pedro Celso. Moderna Gramática Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1979.
- Moderno Dicionário Enciclopédico. Curitiba: Ed. Educacional Brasileira S.A., 1981.
- Moderno Dicionário Enciclopédico. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1978.
- MOLLICA, Maria Cecília. Um estudo sincrônico sobre o emprego do mais-que-perfeito simples no português atual do Brasil escrito e falado. UFRJ, 1987, mimeo.
- Novo dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- TUFANO, Douglas. Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Moderna, 1984.
- VEJA. Revista semanal, números - 990 e 994, agosto e setembro de 1987, Rio de Janeiro.